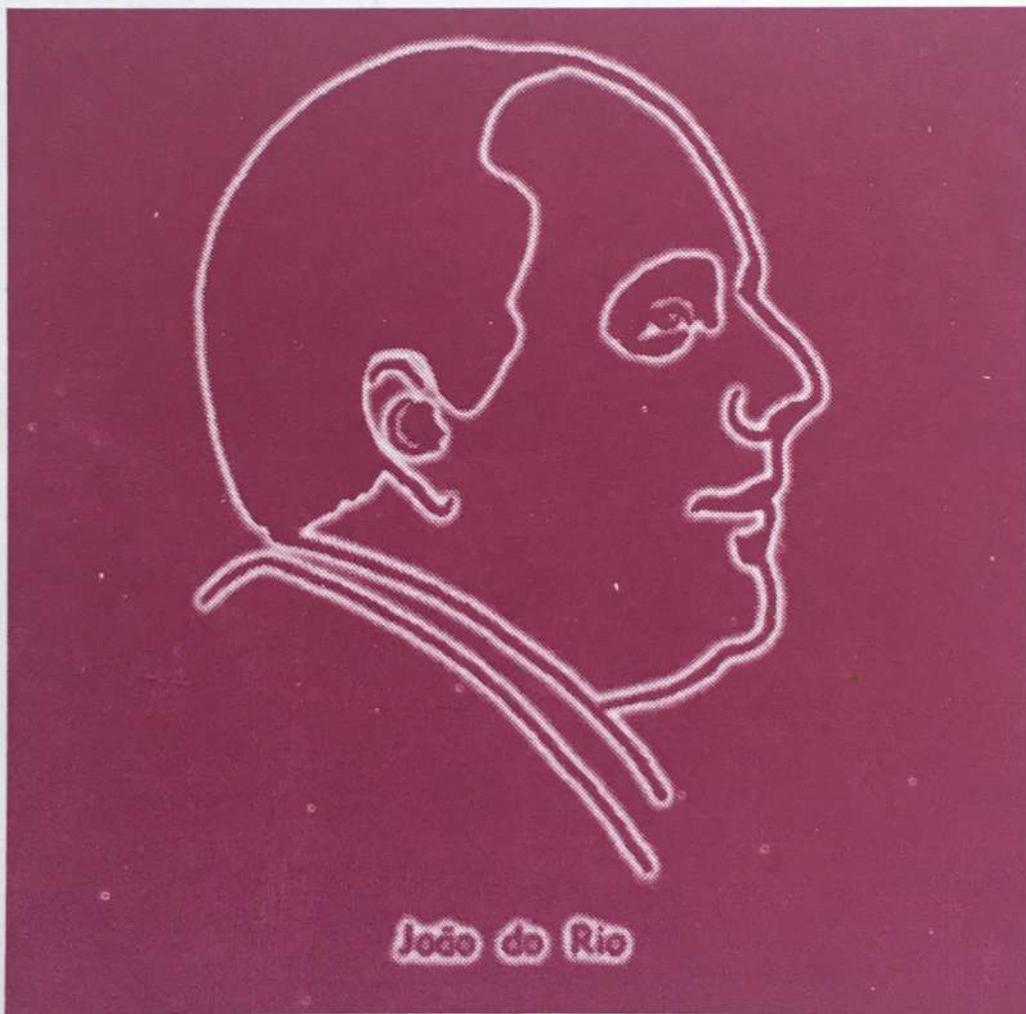
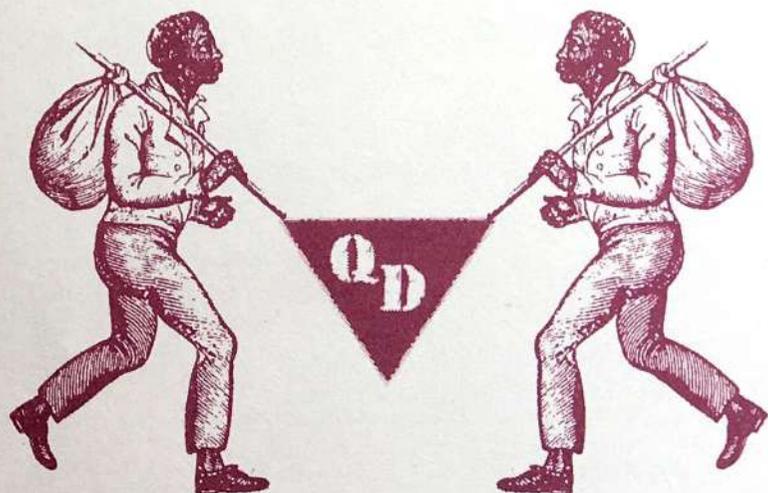


BOLETIM DO QUIMBANDA-DUDU

*Direitos Humanos, Diversidade Sexual
e Cidadania dos Afro-Decendentes*



n.4, Bahia, 2002



QUIMBANDA-DUDU

**Direitos Humanos, Diversidade Sexual
e Cidadania dos Afro-Decendentes**

Rua Frei Vicente, 24 - Pelourinho

Caixa Postal 2552 - 40022-260 SALVADOR,

BAHIA, BRASIL

Fone/Fax: [71] 322.2552 - 321.1848

WWW.GGB.ORG.BR

Apoio: Kimeta Society, Toronto, Canada

BOLETIM DO QUIMBANDA-DUDU

**Direitos Humanos, Diversidade Sexual
e Cidadania dos Afro-Decendentes**

N.4, ano VI, Fevereiro 2002

NESTE NÚMERO:

- 1. O Movimento Homossexual na África e na Diáspora em 2001 (pag. 3-11)*
- 2. Candomblé e Homossexualidade (pag. 11-14)*
- 3. João do Rio: o gay afro-descendente mais famoso do Brasil (pag. 14-25)*
- 4. O que é o Quimbanda-Dudu (pag. 26-27)*

Notícias da África

ARCEBISPO DESMOND TUTU DIZ: "VOCÊ É O QUE É"

"O que a Bíblia diz que é natural e antinatural não vale muito", declarou o arcebispo anglicano Desmond Tutu no dia 30 de setembro de 2001. Dando uma conferência sobre homofobia realizada na Cidade do Cabo, Tutu disse: "Quero expressar minhas desculpas a todos vocês e a todos os outros aos quais se fez sofrer de modo tão horrível. Nós na Igreja temos ainda muitas respostas pendentes. Às vezes a Bíblia diz que certas coisas são anti-naturais. Mas eu me pergunto: antinaturais para quem? Eu apoio e estou firmemente junto aos que defendem "Somos como somos e não queremos pedir desculpas por isso". [Fonte: Rex Wockner, *Noticias Internacionais*, #389, 9/10/2001]

RAINHA DA SUAZILÂNDIA VISITA O CENTRO GAY DE LOS ANGELES

Sua Alteza Real, a rainha LaMagwaza da Suazilândia, na África do Sul, e o Ministro da Saúde deste país visitaram o Centro Gay Lésbico de Los Angeles no dia 16 de maio, para se informarem acerca dos programas abrangentes de prevenção, teste e tratamento do HIV que a instituição desenvolve. Como resultado da visita, o centro espera organizar a capacitação de médicos suazilandeses no Centro para o Tratamento da AIDS, dependente da Universidade do Sul da Califórnia. "Ao trabalhar juntos aqui, já estamos construindo uma ponte da América à África", declarou a rainha LaMagwaza ao *Jornal Los Angeles Times*. Nos dá força saber que há pessoas interessadas em nos ajudar." Acredita-se que um terço da população da Suazilândia seja HIV positiva e espera-se que a expectativa média de vida caia até chegar aos 30 anos no ano de 2010. A nação tem um problema particularmente sério na área da transmissão do hiv materno-infantil, afirmam suas autoridades.

[Fonte: Rex Wockner, *Noticias Internacionais*, #370, 28/5/2001]

PRESERVATIVOS ASIÁTICOS PEQUENOS DEMAIS PARA PÊNIS DE SUL-AFRICANOS

Os preservativos asiáticos que o governo da África do Sul distribui são demasiado pequenos para os pênis africanos, revelou uma investigação em escala nacional realizada com 350 prostitutas."A maioria (das prostitutas) queixaram-se de que essas coisas se rompem porque vêm do Oriente e são muito pequenas para os homens daqui", declarou Ted Leggett, investigador da Universidade de Natal, ao *Sunday Times*. Uma a cada nove pessoas na África do Sul é HIV positiva, segundo crêem as autoridades.

[Fonte: Rex Wockner, *Noticias Internacionais*, #369, 21/5/2001]

HOMENS PRESOS POR USAREM BRINCO NA NAMÍBIA

A *Força de Campo Especial*, SFF, um grupo paramilitar que atua na Namíbia, recentemente teria detido numerosos homens de Katutura, um subúrbio da cidade capital de Windhoek, por usarem brincos. Os membros do SFF teriam dito que atuavam cumprindo ordens do agressivo presidente anti-gay Sam Nujoma, mas o Ministro de Informação declarou à Rádio BBC de Londres que "o presidente em nenhum momento deu ordens de

qualquer natureza para que os membros da SFF atuassem contra quem usasse brinco ou qualquer outra forma de "piercing". (...) O governo não aprova violações contra os direitos humanos nem castigo contra cidadãos individuais." Sacharia Asheela, comandante da SFF, teria chegado ao lugar do ocorrido enquanto interrogavam os homens detidos e ordenou aos agentes que devolvessem os brincos aos homens e os deixassem ir. Um jornalista que esteve presente informou que Asheela disse aos integrantes da SFF "que não atacassem nem tocassem em ninguém. Quem disse a vocês que tomaram os brincos desses homens? Isto não deve se repetir." Dia 28 de abril de 2001, centenas de gays e outras pessoas organizaram uma marcha de protesto em Windhoek para condenar os ataques de Nujoma contra os gays.

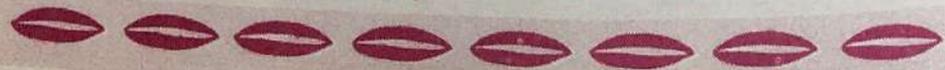
[Fonte: Rex Wockner, *Noticias Internacionais*, #369, 21/5/2001]

GAYS MARCHAM NA NAMÍBIA

Centenas de gays e simpatizantes organizaram uma marcha de protesto em Windhoek, Namíbia, no dia 28 de abril, para condenar os ataques virulentos do presidente Sam Nujoma contra os gays. Segundo informações das agências de notícias, umas 20 organizações se uniram à demonstração, que foi convocada pela Rede de ONGs de Direitos Humanos do Sul da África.



Em declarações mais recentes, Nujoma disse: "Assegurem-se de que não haja criminosos, gays e lésbicas em suas regiões pois definitivamente vai contra a vontade de Deus. É obra do demônio. Como pode um homem se casar com outro homem ou uma mulher com outra mulher?" Também disse: "Na Namíbia não permitimos o lesbianismo ou a homossexualidade. Vamos combater isto com vigor. Asseguraremos de que a Namíbia seja livre do lesbianismo e da homossexualidade. A polícia tem ordens de prendê-los e deportá-los e pô-los na prisão. Aqueles que praticam a homossexualidade na Namíbia estão destruindo a nação. Nossa sociedade deve condenar e reagir aos homossexuais em nossa sociedade." [Fonte: Rex Wockner, *Noticias Internacionais*, #366, 30/4/2001]



EMPRESAS FARMACÊUTICAS PERDOAM AFRICA DO SUL

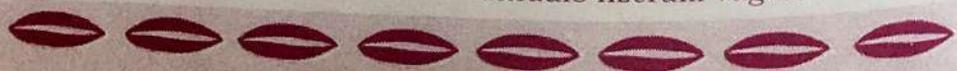
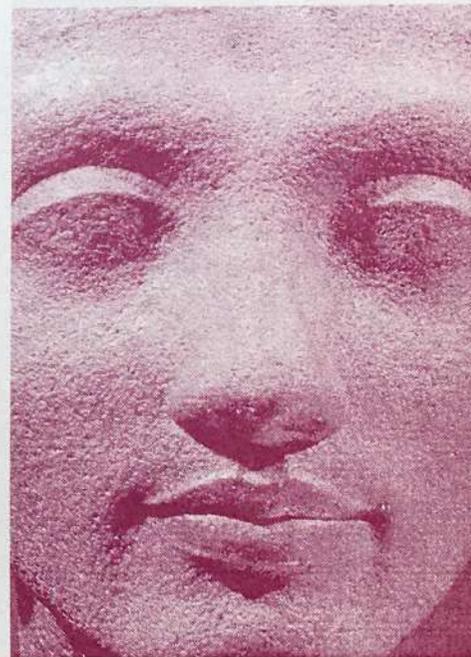
Em uma impressionante vitória alcançada pelos ativistas de luta contra a AIDS, no dia 19 de abril de 2001, 39 empresas farmacêuticas multinacionais renunciaram aos seus esforços legais por impedir que a África do Sul importasse ou produzisse cópias genéricas de medicamentos patenteados contra a AIDS. O julgamento havia se tornado um pesadelo para as empresas, do ponto de vista das relações públicas. "Esperamos que nossa experiência tenha contribuído de alguma maneira ao debate mais amplo sobre o acesso a uma atenção à saúde possível de ser custeada por parte dos países em desenvolvimento e para as pessoas pobres nas nações mais ricas", expressou o Ministro da Saúde da África do Sul, Dr. Manto Tshabalala. Sem embargo, se crê que ainda os medicamentos contra a AIDS que se vendem a preços próximos ao custo ficam muito caros para sua distribuição em massa na maioria dos países africanos, inclusive a África do Sul, alertaram as autoridades. Tshabalala Msimang também disse que os medicamentos são demasiado tóxicos e que é quase impossível que os pacientes cumpram com regimes complexos de medicação em um país que não tem a infra-estrutura médica de um país de primeiro mundo. [Fonte: Rex Wockner, *Noticias Internacionais*, #365, 23/4/2001]

PRESIDENTE DA NAMIBIA ATACA HOMOSSEXUAIS

O presidente de Namibia, Sam Nujoma, deu um passo a mais em seus ataques contra homossexuais no dia 1 de abril de 2001, ao dar a ordem às autoridades da cidade nortista de Okahao para que identifiquem e prendam os gays da localidade. "Líderes tradicionais, governadores, garantam que não haja criminosos, gays e lésbicas em suas aldeias e regiões", afirmou Nujoma. "Nós em Swapo (partido governante) não lutamos por uma Namibia independente que dê o direito a botsotsos (criminosos) gays e lésbicas a fazerem suas coisas más aqui". Nujoma continuou sua cruzada no dia 5 de abril durante um discurso em ocasião da abertura de um centro de desenvolvimento agrícola em Erwee, região Kunene. "Se chegarem homossexuais no Aeroporto Hosea Kutako, os enviem de volta no mesmo avião, determinou. O homossexualismo definitivamente vai contra a vontade de Deus. É obra do demônio. Como pode um homem se casar com outro homem ou uma mulher com outra mulher?" Continuou: "Há dias estive vendo a televisão e vi algo gracioso, algo raro na Holanda: gays que praticam essas atividades sexuais fizeram vaginas como da

mulher e as mulheres fizeram implante de pênis. Na Namibia não permitimos o lesbianismo ou a homossexualidade. Que fiquem na Europa. Que Deus é responsável por estes homossexuais? É o Deus africano ou o Deus dos europeus? Combateremos isto com vigor - vamos assegurar de que a Namibia se libere do lesbianismo e da homossexualidade. No dia 1º de abril de 2001, os Países Baixos se tornaram o primeiro estado do mundo a permitir aos gays casarem-se segundo as leis de matrimônio ordinárias e não apenas como parceria civil, como o fazem várias outras nações. Os casais estrangeiros podem se casar na Holanda depois de haver residido lá durante quatro meses. No dia 19 de março, em discurso aos estudantes da Universidade da Namibia, O Presidente Nujoma disse: "A República da Namibia não permite a homossexualidade, o lesbianismo aqui. Aos senhores, a polícia tem ordem de detê-los e pô-los na prisão." Previamente tinha manifestado que "quem pratica a homossexualidade na Namibia está destruindo a nação. Nossa sociedade deve condenar e reagir contra os homossexuais." Jerry Ekandjo, Ministro de Assuntos Internos, declarou: "Devemos assegurar-nos de eliminá-los (gays e lésbicas) da face da Namibia." A Sociedade Namibia para os Direitos Humanos qualificou os comentários

recentes de Nujoma de "perigosos e violentos." O Rainbow Project (organização gay) disse: "Nossa Constituição não diz em nenhuma parte que os gays e as lésbicas não são parte da família humana e que portanto não desfrutam dos mesmos direitos que todos os outros cidadãos. Também queríamos saber se o presidente já tomou as medidas necessárias, em conjunto com as autoridades penitenciárias, para acomodar algo como 10 por cento da população constituída de homossexuais?!" [Fonte: Rex Wockner, *Noticias Internacionais*, #364, 16/4/2001]



GAYS NA CIDADE DO CABO CORREM RISCO DE INFECÇÃO PELO HIV

Os gays na Cidade do Cabo, África do Sul, estão mantendo muitas relações sexuais sem proteção, segundo um novo estudo do Projeto Triângulo, financiado pela Fundação de AIDS Elton John. Para o estudo foram interrogados gays entre 20 e 39 anos, em bares, clubes, saunas e lugares de pegação. 62% dos entrevistados eram brancos, 25% mestiços, 9% negros e 3% indianos. 71% dos entrevistados haviam mantido relações anais no ano anterior e 25% destes fizeram-no sem preservativo. 2/3 dos homens que não usaram preservativos disseram que seus companheiros poderiam ser HIV-positivos. Os homens que freqüentavam banheiros, saunas, quarto escuro, tinham 66% mais tendência a manter relações sem proteção do que aqueles cujas relações ocorriam em residências privadas. Entre outras revelações: 47% dos entrevistados tinham parceiro fixo, mas somente 40% deste subgrupo era monógamo. Mais da metade dos homens haviam tido entre 2 e 10 companheiros sexuais no ano anterior. 13% havia tido entre 20 e 90 companheiros. 13% dos homens havia pagado para manter relações sexuais e 17% haviam sido pagos para fazê-lo. 15% haviam tido também relações com mulheres no ano anterior. 91% havia mantido

relações em sua casa no ano anterior, 43% em uma sauna, 39% em uma praia, 31% em um bar, 25% em sala escura e 15% em um parque público. [Fonte: Rex Wockner, *Noticias Internacionais*, #364, 16/4/2001]

EMPRESAS FARMACÊUTICAS QUEREM PROCESSAR ÁFRICA DO SUL

Mais de 40 empresas farmacêuticas levaram o governo da África do Sul a juízo no dia 5 de março de 2001, entre elas Boehringer-Ingelheim, Glaxo Smith Kline, Merk, Bristol-Myers Squibb e Roche. Estão lutando contra uma lei aprovada pelo parlamento da África do Sul que permite importar medicamentos contra o HIV e outros que têm a capacidade de salvar vidas, de países onde são produzidos como genéricos, em vez de importá-los de países onde só se encontram disponíveis sob patente e com nome de marca. As empresas farmacêuticas sustentam que essa lei viola os direitos de propriedade intelectual. Quase cinco milhões de pessoas são portadoras do HIV na África do Sul. Só uma ínfima minoria pode custear os medicamentos patenteados que permitiram países mais ricos de transformar a AIDS, de uma assassina, a uma doença freqüentemente controlável. "Essas empresas, com o apoio de alguns governos ocidentais, estão

protegendo seus monopólios a custo de milhões de vidas", disse a Campanha de Ação para Tratamentos, da África do Sul. "Esta ação legal mostra que a indústria farmacêutica se preocupa mais em evitar concorrência e proteger suas amplas margens de ganância do que aumentar genuinamente o acesso aos medicamentos. "Acreditamos que este juízo é legalmente falho e moralmente repreensível", afirmou o grupo. "Exigimos das empresas envolvidas que renunciem ao caso e dos governos ocidentais que providenciem claro apoio ao governo da África do Sul na sua tentativa de controlar a urgente epidemia de HIV-AIDS.

[Fonte: Rex Wockner, *Noticias Internacionais*, #358, 5/3/2001]

GAYS SE ORGANIZAM NO SENEGAL

Os gays estão se organizando na nação africana do Senegal. O chamado "Groupe Andligeey" recentemente recebeu assistência do Programa Nacional de AIDS do Senegal e da Aliança Nacional contra a AIDS. Seus integrantes agora esperam entrar em contato com grupos estrangeiros, afirmou o presidente do grupo Serigne M'Bodji. A organização necessita de assistência técnica, dinheiro, um computador e um telefone, disse o tesoureiro Mohamed Tiam, que recebe e-mail por mebthiam@yahoo.fr. [Fonte: Rex Wockner, *Noticias Internacionais*, #352, 22/1/2001]



SITE NA INTERNET DIVULGA BAIXARIA HOMOFÓBICA

Martin Nel, do site www.q.co.za, da África do Sul, pediu boicote ao site allafrica.com por publicar baixaria homofóbica fazendo-a passar-se por jornalismo. Pensa apresentar uma queixa à Comissão de Direitos Humanos e à Comissão de Queixas por Publicidade, alegando que o material viola a proibição de discriminar por orientação sexual, vigente na Constituição da África do Sul. [Fonte: Rex Wockner, *Noticias Internacionais*, #395, 19/11/2001]



GAYS GANHAM CASO DE ADOÇÃO NA ÁFRICA DO SUL

O Tribunal Superior de Johannesburgo, África do Sul, aboliu no dia 28 de setembro de 2001 as leis que impediam os casais gays de adotar crianças. O veredicto veio a partir de um caso lançado pela juíza lésbica Anne-Marie de Vos, que havia adotado duas crianças seis anos antes e queria que sua companheira, Suzane du Toit pudesse também adotá-las. O veredicto não entrará em vigor até que seja confirmado pelo Tribunal Constitucional. Du Toit disse que a confirmação deveria ser uma formalidade. A constituição pós-apartheid da África do Sul foi a primeira do mundo a proibir a discriminação por orientação sexual. [Fonte: Rex Wockner, *Noticias Internacionais*, #389, 9/10/2001]

EM PORTO RICO, CASAIS HOMOSSEXUAIS SÃO RECENSEADOS

San Juan, Porto Rico: 6.018 casais de mesmo sexo respondem que constituem uma família, durante o Censo populacional realizado no país em 2000, que pela primeira vez incluiu em sua lista de perguntas a convivência de mesmo sexo por cada lar. (Fonte: IGLHRC/AL-A.SARDÁ, 8/2001)

RADIO DA JAMÁICA DIVULGA MÚSICA HOMOFÓBICA

Kingston, Jamaica: A BBC apóia a Radiol, uma emissora Jamaicana, em sua decisão de continuar tocando um hit musical que defende que é legal "caçar os gays e queimá-los vivos". A Rádio usou o argumento de que "a canção é muito popular na ilha para a ignorarmos". Este fato não é isolado: a Jamaica tem sido um dos países de população predominantemente afro-descendente mais homofóbicos: O anúncio de um programa de distribuição de preservativos nas prisões da Jamaica para combater as crescentes taxas de infecção pelo HIV, em agosto de 1997, virou tragédia. Dezesesseis prisioneiros suspeitos de ser homossexuais foram brutalmente assassinados e incendiados. Outros cinquenta ficaram gravemente feridos. A violência decorreu do repúdio dos próprios presos à suposição de que todos seriam gays e lésbicas. Esse tipo de agressão, na Jamaica, não é uma particularidade dos presídios. Em abril de 2000, um rapaz teve o relacionamento com seu namorado exposto à vizinhança por um familiar. Armados, moradores do bairro saíram à caça. O "acusado" entrou na igreja que freqüentava em busca de proteção e, depois de ridicularizado, foi baleado enquanto implorava pela vida. Apesar das testemunhas, governo e sociedade civil calaram-se." (Fonte: IGLHRC/AL-A.SARDÁ, 8/2001)

RELIGIOSOS SÃO CONTRA A LIVRE ORIENTAÇÃO SEXUAL NA GUIANA

Georgetown, Guiana: A assembléia Nacional aprova uma modificação na Constituição que estabelece a proibição de discriminar por orientação sexual. Entretanto, ante aos protestos das igrejas locais (cristãs, hinduístas e muçulmanas), o presidente Jagdeo vetou a lei. (Fonte: IGLHRC/AL-A.SARDÁ, 2/2001)

GRUPO HOMOSSEXUAL DA JAMAICA APRESENTA PROJETO DE LEI

Kingston, Jamaica: O "Jamaica Forum for Lesbians, All-Sexuals and Gays (JFLAG)", apresentou ao Parlamento desse país uma proposta de legislação antidiscriminatória por orientação sexual, assim como de Abolição das leis de sodomia vigentes. A proposta ainda se encontra em estudo. (Fonte: IGLHRC/AL-A.SARDÁ, 6/2001)

NOVO GRUPO LESBIGAY EM BARBADOS

Barbados: é criado o UGLAAB (United Gays and Lesbians Against AIDS Barbados), com apoio estatal, para "fomentar a visibilidade de gays e lésbicas em Barbados e lutar contra a pandemia da AIDS" (Fonte: IGLHRC/AL-A.SARDÁ, 8/2001)



HOMOSSEXUALIDADE E CANDOMBLÉ

Dr. Jocélio Teles dos Santos - Professor do Departamento de Antropologia / UFBA

As religiões afro-brasileiras, comparadas com outras grandes religiões - Judaísmo, Islamismo, Cristianismo - são, por excelência, as religiões mais tolerantes às orientações sexuais, em que os homossexuais tanto são respeitados como são lideranças religiosas. Mas por que o candomblé teria a característica de ser receptivo, sem preconceitos estabelecidos?

Para tentar responder a questão, situarei, inicialmente, o que os estudos nas ciências sociais pensaram sobre a homossexualidade no candomblé. O candomblé, como hoje conhecemos, a sua estrutura religiosa, os espaços para rituais privados ou públicos aos orixás, inkices e voduns, existe desde o início do



século XIX. Esta afirmação repousa nos documentos históricos da famigerada repressão policial, assim como se revela nos depoimentos de pais e mães-de-santo dos terreiros fundados na segunda metade do século XIX.

E para nosso deleite, já havia, naquela época, registro da presença de homossexuais nos terreiros. Em 29 de outubro de 1870, o jornal O Alabama referia-se a um "affeminado" que dizia ir para a escola "com os bolsos cheios de pomada, pó de arroz, escovinha de dentes e espelho para se mirar ante a casa de curandeiros". É provável que fosse uma casa ou um terreiro já que muitos pais e mães-de-santo eram qualificados como curandeiros e/ou feiticheiros. Segundo o jornal, o "affeminado", por contar com a "proteção de bambu (uma bengala) do curandeiro R. S.", não ia às sabatinas, não era chamado à lição e espera ser aprovado". O interessante é que essa notícia revela a inserção de homossexuais em espaços afro-religiosos na cidade soteropolitana. Ainda no século XIX, escritores e cientistas já chamavam a atenção para a bissexualidade e a androginia na mitologia das religiões afro-brasileiras. O escritor Xavier Marques, no romance O feiticheiro, destaca a bissexualidade da divindade Obatalá e Nina Rodrigues registra a concepção andrógina dos nagôs presente no Brasil, por exemplo na



indumentária dos rituais, pois usava-se saias para os orixás masculinos e femininos.

O curioso é que mesmo sendo Nina Rodrigues o cientista que apontava a bissexualidade de algumas divindades, não se encontra, na sua obra, nenhuma referência a homossexuais ou bissexuais de carne e osso nos candomblés baianos. O tabu nas ciências sociais começou a ser quebrado quando entrou em cena a antropóloga norte-americana Ruth Landes, que, entre 1938 e 1939, realizou pesquisas em Salvador. Ruth Landes tinha uma verdadeira obsessão. Era uma feminista e

pensava que, pelo fato da maioria dos terreiros ser liderados por mulheres, Salvador seria "uma cidade de mulheres", uma cidade com um poder feminino que não era visto em outros lugares do mundo. Além disso, os candomblés que ela visitou, e mais ressaltava, eram os candomblés de origem ketu, os considerados mais ortodoxos, mais "puros". Os candomblés angola ou caboclos eram por ela desprezados e considerados deturpados por terem na sua maioria lideranças masculinas. E seriam esses, justamente, os considerados com predominância de lideranças homossexuais.

A reação às afirmações de Ruth Landes foram fortes. Um outro médico e discípulo de Nina Rodrigues, Artur Ramos, considerava pura fantasia as conclusões de Landes. Só que ele estava defendendo o candomblé, ao dizer que não havia homossexualismo ritual ou religioso entre os negros no Brasil. E que era uma coincidência alguns indivíduos homossexuais terem encargos religiosos. É algo individual, dizia, e não da religião. Como a presença de homossexuais não era, e nunca foi, exclusiva dos candomblés baianos, uma outra religião afro-brasileira, o xangô pernambucano, foi estudada por René Ribeiro nos anos 50. Para quem via patologia e algo "desviante" no comportamento dos homossexuais, as conclusões foram que as personalidades eram egocêntricas, narcisistas, introvertidas, com dificuldades no relacionamento com a imagem feminina.

Dos anos 70 aos 90, alguns estudos se apresentaram para entender a presença/relevância de homossexuais nos terreiros. Peter Fry chamou a atenção para a associação entre pessoas consideradas marginais na sociedade, a periferia e essas religiões mágicas. A homossexualidade feminina no xangô pernambucano foi argumentada, pela antropóloga Rita Segato, como um resultado do processo da escravidão que rompeu com a instituição da família. Patrícia Birman, ao estudar terreiros de umbanda e candomblés cariocas, investigou a vinculação da possessão masculina com a homossexualidade para argumentar sobre a criação de gêneros masculino e feminino nesses espaços religiosos.

Fazendo um balanço da produção teórica nas ciências sociais, gostaria de apresentar os seguintes argumentos sobre o homossexualismo no candomblé: 1) Ao contrário do que Ruth Landes afirmava, a presença de homossexuais se verifica tanto em terreiros ketu quanto nos de tradição angola, caboclo, gêge; 2) Contrariamente ao que Ruth Landes e Lorand Matory, pesquisador norte-americano, pensavam, o homossexualismo não se manifesta exclusivamente em lideranças masculinas; 3) O candomblé não inventou o homossexualismo no Brasil. A homossexualidade, como demonstra Luiz Mott, é anterior à existência dos candomblés; 4) O que o

candomblé fez, foi criar modos e formas de o desejo homossexual manifestar-se, realizar-se e existir, pois a mitologia cria essas possibilidades; 5) Se os terreiros absorvem homossexuais, significa dizer, também, que os homossexuais visualizam os candomblés como espaços de poder, que lhes possibilita ser reconhecidos socialmente, terem possibilidades de vir a ser líder de uma comunidade, terem proximidades e relações com personalidades do poder público, ou de recrutarem como ogãs ou ekêdis antropólogos, médicos, advogados, artistas, psicólogos. Enfim, como todo espaço do mundo social, os terreiros, mesmo nas suas especificidades religiosas, são organizações feitas por humanos e aspiradas, das mais variadas formas, por desejos, gélidos ou cálidos, mas humanos.

Destaques da Memória Gay Afro - Brasileira

Dedicamos este número do Boletim do Quimbanda-Dudu a **JOÃO DO RIO**, o mais célebre e badalado homossexual afro-brasileiro na virada do século XIX e inícios do século XX. Autor de mais de 2500 artigos, livros e crônicas, foi o gay mais assumido de todos os imortais da Academia Brasileira de Letras. Com João do Rio damos seqüência aos

DESTAQUES DA MEMÓRIA GAY AFRO-BRASILEIRA – já tendo sido divulgadas as biografias de 16 gays, travestis e lésbicas perseguidos pela Inquisição ou registrados pela imprensa do Século XIX, entre eles o primeiro travesti de nossa história, **Francisco Manicongo**, e a primeira lésbica afro-luso-brasileira, **Francisca Luiz**. No último Boletim celebramos o centenário de **Madame Satã**, o controvertido travesti-marginal carioca. O próximo Boletim do Quimbanda-Dudu será dedicado a **Mario Gusmão**, o mais famoso ator de toda a história da Bahia, negro e homossexual. Reunimos a seguir alguns resumos biográficos de João do Rio extraídos de diversos autores.

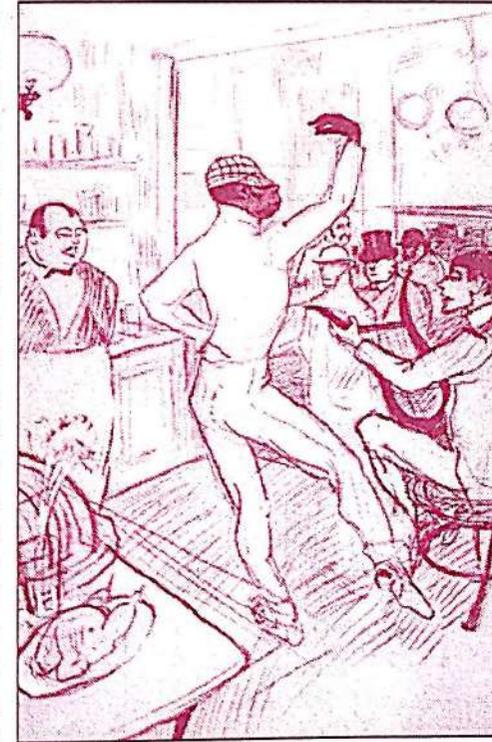
JOÃO DO RIO

João Silvério Trevisan

“João do Rio trata-se de um curiosíssimo e esquecido escritor carioca, morreu em 1921, aos 40 anos de idade. Jornalista famoso, membro da Academia Brasileira de Letras e fundador da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), João Paulo Coelho Barreto provocou escândalos em vida. O primeiro deles ocorreu quando de sua estréia precoce com escritor, mal completados os 18 anos, fez

publicar dois contos de fortes alusões homoeróticas; no primeiro, *Impotência*, um velho efeminado recordava seus frustrados amores por colegas do colégio e por seu jardineiro; o segundo conto, *Ódio*, narra em clima morbidamente construído a obsessão de um rapaz movido pelo “delicioso prazer de espancar” um colega – como para quebrar o espelho que reflete o “desespero do amor”. João do Rio foi chamado Oscar Wilde Tupiniquim, pelo seu culto ao esteticismo decadista e à vida social, que ele retratava em suas crônicas jornalísticas, mas também por sua conhecidíssima homossexualidade. Obeso, mulato, homossexual e afetado, em vida tornou-se objeto intrigas e se publicou a notícia de que flagrante, num quando a prática de atos como parceiro polícia.” Por ingresso de João Academia, o Menezes quadrinha frescura: “Na próximos Academia, que Não podendo ventiladores? para o João do contemporâneo que já o xingara de “larva ridicularizou a jornal Pátria, que deveria ser chamado de Mãtria, “porque em se tratando de João do Rio, tudo é feminino”. E Humberto de Campos, que o perseguiu sadicamente em sua coluna jornalística, escreveu que João do Rio usava “anquinhas” (peça do vestuário feminino para acentuar o volume das nádegas).”

João Silvério Trevisan: *Devassos no Paraíso. A Homossexualidade no Brasil, da Colônia à Atualidade*. RJ, Ed. Record, 2000, p.259-260



João do Rio preferencial de zombarias: dele anonimamente “fora colhido em terreno baldio, entregue a imorais, tendo um soldado de ocasião do Rio na poeta Emilio de compôs uma alusiva à sua previsão de calores/ A idolatra o frio/ c o m p r a r Abriu as portas Rio...” Seu Antonio Torres, publicamente n o j e n t a”, fundação do seu



James Green

"Ao longo de sua vida João do Rio produziu mais de 2500 artigos de jornal, contos e ensaios sobre a vida urbana. Aos 29 anos foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, uma honra pela qual teve de lutar pessoalmente, com uma força de vontade singular. Sua ascensão meteórica aos mais elevados círculos literários não foi tão fácil quanto se poderia julgar pela sua juventude. De fato, a juventude foi um dos vários obstáculos enfrentados por João do Rio na sua busca de honra literária. Sua ascendência racial foi outro ponto contra. Sua mãe era de origem afro-brasileira. Além do mais, a sua atividade principal era a de jornalista e repórter e não romancista ou poeta... Mais importante, porém, foi o fato de sua homossexualidade ser reconhecida pelo público. Segundo um de seus biógrafos, Machado de Assis e o Barão do Rio Branco organizaram uma bancada para impedir a eleição de João do Rio à Academia Brasileira de Letras, em duas ocasiões, por causa de sua torpeza moral... O escritor Lima Barreto foi outro dos adversários literários de João do Rio. Não só considerava-o um depravado moral como também ressentia o fato de seu rival ter entrado na Academia enquanto os seus próprios esforços para ser eleito não haviam rendido frutos... Em várias ocasiões ao longo de sua carreira os inimigos de João do Rio associaram-no a símbolos facilmente reconhecidos pelo público para denotar sua homossexualidade, na tentativa de difamar sua reputação... Vestia-se impecavelmente, com trajes elegantes que incluíam chapéu, monóculo e bengala... Ao mesmo tempo que representava à perfeição o papel do janota sofisticado e europeizado, ele mantinha discrição sobre sua vida privada no Brasil. A Europa, aparentemente, dispunha de um ambiente mais propício e sem punições aos comportamentos licenciosos, e uma das poucas vezes que João do Rio revelou explicitamente ter vivido emoções amorosas foi numa correspondência pessoal em que descrevia uma viagem à riviera francesa em 1919: "Esta Costa Azul! Como seria bom ter dinheiro e nunca mais deixá-la, a amar, amar, amar. O amor nesse pessoal rico que nada tem que fazer, toma proporções inauditas... há para todos os gostos... e com naturalidade!"

James Green. *Alem do Carnaval. A Homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. SP, Unesp, 1999, p.98-106



BIO-BIBLIOGRAFIA DE JOÃO DO RIO



Agostinho Rodrigues, *Diretor da Biblioteca João do Rio Pirajá Rio de Janeiro/RJ, 1993/2000*

João do Rio nasceu em 5 de agosto de 1881 no Rio de Janeiro, na rua do Hospício, atual rua Buenos Aires, filho de Alfredo Coelho Barreto [gaúcho] e de Florência Cristóvão dos Santos [carioca], de origem humilde. Foi jornalista, escritor, teatrólogo, cronista e contista, criado em ambiente republicano e abolicionista. Tinha 7 anos quando foi abolida a escravidão.



Tinha a pele morena, gordo e forte. Vestia-se elegantemente com roupas que vinham da Europa, principalmente de Londres e Paris e não dispensava os charutos de boa qualidade. Foi um dos primeiros moradores do bairro de Ipanema e freqüentador de várias ruas do centro, entre os quais, a rua do Ouvidor e o bairro da Saúde. Pertenceu a fase de transição do modernismo. Só não se tornou um dos fundadores da Semana da Arte Moderna [13 a 17/02/1922] em São Paulo, porque faleceu antes, [26/06/1921], aos 40 anos de idade, devido a um colapso cardíaco, segundo João Carlos Rodrigues em "Catálogo Biográfico" de sua autoria. Na sua trajetória literária, usou vários pseudônimos, tais como: Claude, João de Oliveira, João Alencar, José Antônio José, Paulo Barreto, sendo que, a partir de 4 de janeiro de 1904, ele passou a utilizar com maior freqüência, João do Rio. Seu nome completo tornou-se problemático uma vez que em algumas fontes registram João Paulo Emilio Cristóvão dos Santos Barreto, outras João Paulo Alberto Coelho Barreto, situação que até hoje os biógrafos não solucionaram. Estreou na imprensa ainda adolescente [17 anos], alcançando grande sucesso devido suas idéias atrevidas e de um cunho renovador do jornalismo. Introduziu e aperfeiçoou modernidade como a entrevista, a reportagem e a crônica

na imprensa, atacando com vigor o simbolismo e o parnasianismo. João do Rio foi um dos maiores jornalistas do seu tempo, colaborando ativamente no Jornal "Cidade do Rio" com José do Patrocínio, no Jornal "O DIA", "Gazeta de Notícias", que inclusive foi diretor, e o "País". Além de crônicas e reportagens com recortes de pontos dramáticos e pitorescos da Cidade, João do Rio foi autor de teatro de revista e tradutor, principalmente de Oscar Wilde e Charles Dickens. Gradativamente, João do Rio foi-se tornando cada vez mais cronista e menos repórter. Na Seção "Pall - Mall", do Jornal "O País", alcançou grande popularidade através de suas crônicas. Mais tarde, fundou o periódico "A Pátria", criando várias controvérsias diante da visão impiedosa do cronista. Com 28 anos de idade, beirando os 29, com quatro volumes já publicados, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira nº 26, patronímica de Laurindo Rabelo, antecedendo o Acadêmico Guimarães Passos no período de 1910 a 1921 e posteriormente, membro correspondente da Academia de Ciências de Lisboa, Sociedade dos Homens de Letras de Paris e Associação de Imprensa de Roma. No discurso de posse na ABL, João do Rio introduziu o seu modernismo que viria surgir com Oswald e Mário de Andrade, com seus contos de amores impossíveis e relações

inconclusas se aproximando das teorias psicanalistas [homossexualismo, lesbianismo e perversidade sexual], misturados com ilusões e romantismo açucarados, feito da época. Entre suas obras significativas, cita-se "A Alma encantadora das ruas", publicada em 1908, reunindo textos da Gazeta de Notícias e da Revista Kosmos, que o autor para reunir matérias, foi a rua, isto é, ao encontro delas, para se aproximar o máximo possível da realidade. Há mais ou menos 373 termos empregados em língua estrangeira. Estende, em seu passeio poético, pequenas narrativas destacando personagens e aspectos inusitados vistos e ouvidos nas ruas cariocas: tatuadores, mercadores de livros, pintores de tabuletas e inúmeros marginalizados exercendo pequenas profissões que os tornam diferentes; modinhas, cordões carnavalescos e lundus [primitiva dança cantada, rural, de origem africana], enfim, tudo aquilo que forma o grande painel em que reina absoluta "a musa eterna das ruas". Captação profunda da alma urbana.

A 26 de junho de 1921 João do Rio deixou a vida terrena. Segundo Daniela Name, no seu ensaio no Jornal O GLOBO, de 13 de abril de 1996, cerca de cem mil pessoas foram ao enterro do jornalista João do Rio, um recorde para os tímidos funerais da época, dando assim uma evidente prova de como o cronista era bem estimado pelo povo.

Obras de João do Rio

- 1906 - Chic - Chic [teatro].
- 1907 - A última noite [teatro].
- O momento literário [inquérito].
- 1908 - Dinheiro haja [teatro].
- 1909 - Fados, canções e danças de Portugal [crônicas].
- 1911 - Vida Vertiginosa - crônicas.
- Portugal d'agora [ensaio].
- 1912 - Os dias passam.
- A bela Madame Vargas [teatro].
- 1913 - A profissão de Jacques Pedreira [novela].
- 1915 - Eva [teatro].
- 1916 - Crônicas e frases de Godofredo de Alencar [crônicas].
- No tempo de Wenceslau [crônicas].
- 1917 Pall - Mall Rio [crônicas].
- O momento de Minas [conferências].
- Sésamo [ensaios].
- 1918 - A correspondência de uma estação de cura [romance].
- Ramo de loiro [ensaios].
- 1919 - Na conferência da paz [inquérito].
- Adiante [ensaios].



A MORTE DE JOAO DO RIO NOS JORNAIS DA ÉPOCA

"Ecoou dolorosamente, como era de esperar, em todo o pais a noticia da morte prematura do brilhante jornalista que foi Paulo Barreto. Durante todo o dia de hontem foi grande a romaria, de pessoas de todas as classes sociaes que affluiram a redacção d' "A Patria", e que ali deixavam os seus nomes por não ter sido ainda permitida a visitação ao corpo, velado por seus companheiros de trabalho. O dr. Josette procedeu ao embalsamento do corpo, trabalho que ontem não pode ser concluido e, motivo porque só hoje depois das 9 horas da manhã poderá Paulo Barreto ser exposto a visitas, em camara ardente, armada na sala da redacção. Ficou deliberado que o enterro do mallogrado jornalista seja realizado amanhã, domingo, saindo o feretro ás 15 horas da redacção do jornal de que era director. O Sr. A. Azeredo, vice-presidente em exercicio, na sessão do Senado de hontem, depois de communicar o fallecimento do Sr. Paulo Barreto, jornalista brasileiro e membro da Academia de Letras, de quem fez o elogio funebre, solicitou que o Senado permitisse que na acta dos seus trabalhos fosse inserido um voto de pesar pelo seu fallecimento. O requerimento foi approvedo unanimemente. (...)

O Jornal, 26 de junho de 1921.

"As tocantes homenagens que a cidade tem prestado ao illustre escriptor que a morte arrebatou em pleno trabalho e em plena maturidade do seu espirito valem como a mais sincera e a mais justa das cortezias aos meritos singulares de sua obra de jornalista e de artista. É possivel que uma analyse fria e tranquillã de sua longa e tumultuosa actividade mental demonstre o character apressado e um pouco superficial dos numerosos livros em que procurou concretizar as impressões, mais ou menos vertiginosas, que os aspectos da vida urbana do Rio e dos paises estrangeiros que visitou, lhe produziram. Mas ninguém lhe contestará jamais o ouro puro da sua intelligencia e que elle tão descuidadosamente prodigalizou em vinte annos de jornalismo. A sua lingua de impressionista, cheia de paradoxos, de imprevistos e de contrastes desconcertantes e de "trouvailles" de espirito, bastará para salvar na sua bagagem literaria o que, porventura, lhe falta de reflexão. A sua memoria ficará também como de um grande coração cheio de bondade em que a ironia apparente mal dissimulava a sensibilidade extrema, muitas vezes infantil, e como a de um amigo sincero e apaixonado da sua terra que elle procurou ardentemente servir dentro da sua orientação das suas



concepções. O instincto popular não se illude; a romaria á redacção de seu jornal que, hoje, se repetirá, no seu enterro diz bem alto que com elle perderam o nosso jornalismo e os leitores um de seus elementos mais representativos. (...)" **O Jornal, 26 de junho de 1921.**

"Paulo Barreto não hesitou um momento na sua grande obra. Felizmente ha uma força que anima os homens dominados pelos nobresmessianismos. Paulo Barreto foi durante estes ultimos mezes de sua vida um condensador dessa força. Graças a ella, a sua intelligencia dos homens e das coisas, tornou-se quasi milagrosa, a sua coragem affrontou todos os ódios, a sua capacidade de trabalho multiplicou-se e a plasticidade de seu espirito fez prodigios nas columnas mais diversas deste jornal. Elle era para todos nós, os mais velhos como os mais novos companheiros, mais do que um director, um chefe. Era uma força communicativa, um estimulo a que ninguém podia resistir; porque, como se não bastasse o seu escrupulo no trabalho, Paulo Barreto soube conquistar da juventude entusiasta desta casa uma admiração, um respeito, uma estima, um culto que só o conseguem os santos ou os genios. Isto, alias, era natural. Ninguém privaria com esse homem, singularmente dotado, sem ser attrahido pelo fulgor impressivo, pela palavra, pela viveza de sua intelligencia repentina, pela graça do seu estylo, pela sua bondade espontanea, pela meiguice do seu trato e por sua desprerenciosa e luminosa superioridade mental. Perdemos, pois, desde a sinistra noitada de ante-hontem, a maior intelligencia e a maior vontade que collaboraram para o exito excessivo que fez de "A Patria", em tão pouco tempo, uma columna stoica dos humildes contra os humilhadores, do idealismo politico contra a mediocridade saciada, do Brasil jovem, progressista, impellido pela consciencia nova de sua finalidade na America e no velho Brasil, de cuja persistencia na arena das grandes actividades uteis pouco lucraria o presente e, muito menos, o futuro. (...)" **A Pátria, 25 de junho de 1921.**

JOÃO DO RIO O CRONISTA DA VIRADA

Luís Antônio Giron

A obra do escritor e jornalista carioca Paulo Barreto (1881-1921), o João do Rio, tem chamado há já algum tempo a atenção dos estudiosos do



período anterior ao modernismo da literatura brasileira depois de meio século de esquecimento. Ela tem servido igualmente para a inspiração dos escritores pós-modernos, famintos de esteticismo e da *écriture artiste* lançada pelos simbolistas no final do século e desenvolvida por João do Rio. A passos vagarosos, os livros do escritor (em vida, lançou vinte volumes) vêm sendo estudados e republicados, com boa repercussão. Em 1992, saíram pela editora Scipione (coedição com a Fundação Casa de Rui Barbosa e Instituto Moreira Salles) os romances "A Profissão de Jacques Pedreira" (1910) e "Á Correspondência de uma Estação de Cura", livros que se destacam pela frivolidade e rapidez. Em 1996, foram publicados ensaios e uma biografia do escritor. Agora toca a vez da faceta mais talentosa de João do Rio, a de cronista e repórter da cidade. Acaba de sair o volume de crônicas "A Alma Encantadora das Ruas" (1908), editado pela Companhia das Letras e anotado pelo professor de literatura Raúl Antelo. Ao lado de outro volume de crônicas-reportagens intitulado "As Religiões no Rio" (1905), ainda não republicado, "A Alma Encantadora das Ruas" formam a maior contribuição de João do Rio à literatura. Ele injetou a observação direta do repórter na trama literária e ajudou na profissionalização do ofício de escritor no Brasil. Marcados pela variedade do assunto e a frivolidade, os livros de contos e crônicas e os dois romances do autor seduzem mais pela cor exótica da Belle Époque e do dandismo do narrador do que propriamente por seu conteúdo ou pelo engenho verbal. João do Rio é um feixe de chavões bela-epocais que encontrou o melhor veículo na crônica de jornal. Nele está concentrado todo o fascínio pelas tecnologias emergentes, o espanto diante das transformações urbanas e, por paradoxo, o nefelibatismo da estética simbolista. Ele traduziu para a República a personagem do repórter que conduz a alta sociedade a locais macabros, o intelectual cosmopolita, o dramaturgo do tenebroso. De certa maneira, é o pai espiritual de Nelson Rodrigues e Benjamin Costálat, cronistas que o sucederam nos jornais e na exploração do escândalo literário. Sua produção, assim, se deixa afetar por aquilo que a historiadora literária Lucia Miguel-Pereira ("História da Literatura Brasileira", vol. XII, 1950) apontou como "todos os defeitos incutidos pelo hábito do jornalismo - estilo enfeitado, desejo de armar efeitos, superficialidade de visão - sem revelar nenhuma qualidade nova". Tais defeitos são compartilhados em peso pela literatura contemporânea, salvo, talvez, o "estilo enfeitado", e daí decorre o interesse em relação a sua obra. Lucia afirma que ele incorreu no uso de palavras estrangeiras e procurou ver, do Rio, "os vícios de grande cidade, os vícios que por assim dizer o internacionalizavam e, portanto, privavam de feito

próprio". A historiadora implica com o Rio cosmopolita retratado pelo cronista, cheio de esnobes, "five o'clock teas substituindo as boas merendas", os "pardais importados afugentando os pássaros nacionais", com os vícios elegantes da gente sofisticada e os casos de perversão, que João do Rio soube escarafunchar como poucos.

Os estudos recentes não deixam de repetir o bordão, nuançando-o com teorias mais modernas. Em "As Figurações do Dândi", publicado pela Editora da Unicamp em 1996, a professora Orna Messer Levin examina toda a produção do escritor para concluir que João do Rio representa uma consciência em crise diante da instauração da modernidade no país. Segundo ela, é a um tempo nostálgico e progressista, "o escritor anuncia uma novidade que jamais se impõe como tal, simultaneamente, continua a tomar parte numa (sic) tradição cujos ecos estão expressos no pasticho rebaixado". É a novidade descrita por uma literatura ultrapassada. "Tem bolor", nas palavras de Orna. O coro daqueles que apontam defeitos em João do Rio é quase tão grande quanto a intelligentsia autóctone. Brito Broca, no maravilhoso ensaio "A Vida Literária no Brasil - 1900" (1956), enxerga nele um mero imitador e divulgador dos paradoxos e da pose do escritor inglês Oscar Wilde no Brasil (João do Rio traduziu "Salomé", "Intenções" e o "Retrato de Dorian Gray", de Wilde). Para Brito Broca, seu talento era brilhante, mas a cultura, superficial. Na monografia "O art nouveau na literatura brasileira", contido no volume "Gregos e Baianos" (1985), o crítico José Paulo Paes diz que ele emblematisa como nenhum outro o art nouveau brasileiro. A ênfase no ornamento é seu traço distintivo, o motor de sua criatividade. Salva-lhe "A Alma Encantadora das Ruas", "As Religiões do Rio" e sobretudo o livro de contos "Dentro da Noite" (1910), pela quantidade de personagens perversos e chocantes, que "iriam configurar, ao lado da literatura-sorriso, uma literatura-esgar não menos típica do nosso art nouveau".

Uma das obras mais pitorescas sobre o assunto é "A Arte e a Neurose de João do Rio" (1926), do psiquiatra I. de L. Neves-Manta. O livro corre num sentido oposto ao dos estudiosos literários e, de alguma maneira, soa bastante atual. Como um genuíno intelectual hodierno, em busca de morbos sexuais, doutor Neves-Manta jura que a tendência do "publicista notável" e "neurártrico" pela interpretação do mórbido e pela sexualidade se deve muito à contenção dos "excessos que lhe ia no íntimo" e jamais deixou transparecer. É quase um "andrógino inconsciente", capaz de sublimar suas taras em puro verbo. Foi este livro que consolidou a reputação eterna de João do Rio como homossexual. O fato é que a repulsa e o fascínio se tornam concomitantemente unânimes. Afinal, essa persona literária se aproxima muito da do intelectual globalizado e multicultural dos dias de

hoje. Mas há qualquer traço de inquietante nela. Para o teórico Raúl Antelo, o escritor prefigurou as metáforas lancinantes dos modernistas e teve consciência de linguagem. Conforme cita em seu bem documentado texto introdutório, João do Rio é autor da frase: "Não estamos propriamente em um momento de arte pura". Seu veículo predileto foi a crônica, uma maneira de aproximar a arte da vida, a reportagem da literatura. A pulsação da cidade renovada pelo prefeito Pereira Passos, e, ao mesmo tempo, cheia de becos misteriosos e fedorentos, se entrega viva ao leitor pelos textos de João do Rio. É curioso que ele tenha começado a carreira quando Machado de Assis, o grande mestre do português brasileiro, ainda estava vivo. São dois mundos em choque: o dos austeros conselheiros imperiais machadianos e o dos sportsmen, capadócios e prostitutas de luxo de João do Rio. Os dois chegaram a se encontrar em 1904. O então repórter da "Gazeta de Notícias" o procurou para solicitar que respondesse à pergunta: "O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária". A resposta faria parte do volume "Momento Literário", publicado em livro pela Garnier, em 1905. Machado achou o assunto grave e prometeu responder. Como bom brasileiro, não cumpriu a palavra. Segundo João do Rio, por pudor. "Espírito de tamanho fulgor tem, entretanto, a nevrose de se incomodar e sofrer com os pequenos nada da existência", escreveu no final de "Momento Literário". Criou-se um distanciamento entre os dois. João do Rio queria ser o avesso, o bardo das grandes transformações. Seus personagens podem ser superficiais e artificiosos. Mas possuem a característica multicultural e contrastante do Rio urbano. "A Alma Encantadora das Ruas" foi editado no ano da morte de Machado em 1908, a partir da seleção de reportagens publicadas entre 1904 e 1907 na "Gazeta de Notícias". "Memorial de Ayres", de Machado, é do mesmo ano. Pelo volume vagueiam tatuadores, chineses opiômanos, o baixo meretrício, estivadores, cordões carnavalescos, presidiárias, malandros, músicos de rua e capadócios -poetas cantadores que estavam gerando naquele momento a música popular brasileira urbana. O livro é subdividido em cinco partes. A primeira e a última, "A Rua" e "A Musa das Ruas", são digressões sobre o tema. "A Rua" é uma conferência típica da moda da época. "A Musa das Ruas", ensaio, coroa o volume com observações preciosas a respeito do início da indústria da música. Na crônica "Músicos ambulantes", ele lança um olhar esperto sobre a chegada do fonógrafo (ou grafofone). Afirma que o aparelho é uma maravilha do século XIX "que não deixa de ser uma calamidade para o século XX". Demonstra, então, que os músicos de rua desapareceram de cena por causa da máquina falante. Observa que, apesar de tudo, eles estão voltando, "um a um ou em bandos, como as andorinhas imigrantes, e, de novo, as



tascas, as baiúcas, os cafés, os hotéis bartos, encheram-se de canções, de vozes de violão e de guitarra e, de novo, pelas ruas os realejos, os violinos, as gaitas recomeçaram os eu triunfo". Entre fandangos, cakewalks e modinhas, ele descreve os capadócios da época como empresários da canção, prontos para vender sucessos e empregar linha de produção na feitura de suas músicas. Segundo ele, os músicos são filhos do século e "regulam o seus ideais entre a pretensão, o alto juízo do próprio valor e o número de moedas da coleta".

João do Rio rezava pela mesma cartilha. Muitas vezes o repórter trai a imaginação exagerada, que faz retratos muito internacionalistas ou hiperbólicos das ruas da cidade da virada do século. As crônicas na verdade são matérias em que o jornalista interpreta o papel do "flâneur" abelhudo e dado a alucinações de planejamento urbano. Seu objetivo em vida foi levar os grãos-finos a passear pelos becos imundos e opiários cariocas, num turismo que hoje seria chamado de "rough", radical, pelo avesso da moeda da civilização. O passeio continua na posteridade, a provocar surpresas e repugnâncias. Apesar da abundância de recursos fáceis e ornamentação, o texto de João do Rio nunca é mediocre. Ele transformou a crônica numa reportagem fantástica; o jornalismo, em ficção."



O QUE É O QUIMBANDA-DUDU

HISTÓRICO:

Para comemorar junto com os afro-brasileiros os 300 anos de Zumbi, líderes negros-homossexuais de Salvador e membros do GGB fundaram em 1995 o QUIMBANDA-DUDU, o *Grupo Gay Negro da Bahia*. Escolheram para denominar a entidade termos provenientes de duas culturas africanas que maior influência tiveram na formação do povo brasileiro: Quimbanda da língua Angola, que desde o século XVI significa "feiticeiro homossexual", e Dudu, que na língua Iorubá ou nagô quer dizer "negro". Esta escolha mista reflete o desejo do grupo de ser pan-africano e contrabalançar o "nagocentrismo" dominante na Bahia contemporânea. O novo grupo escolheu como Patrono o mais antigo quimbanda registrado na história, *Francisco Manicongo*, escravo africano residente em Salvador, que em 1591 foi denunciado à Santa Inquisição como "sodomita", isto é, homossexual, o qual recusava-se "vestir roupa de homem." Data da fundação do Quimbanda-Dudu: 9 de novembro de 1995, no Tricentenário de Zumbi dos Palmares. Registrado como sociedade civil em 2002, passou a ser chamado: *Quimbanda-Dudu: Direitos Humanos, Diversidade Sexual e Cidadania dos Afro-Decendentes*.

OBJETIVOS:

O Quimbanda-Dudu define-se como uma ONG, organização não-governamental, multi-racial e pluri-sexual de luta contra o racismo, a homofobia e a Aids. Aceita portanto como membro homens e mulheres de qualquer cor ou orientação sexual, reservando a coordenação do grupo a homossexuais afro-brasileiros. Seis são os objetivos do Q-D:

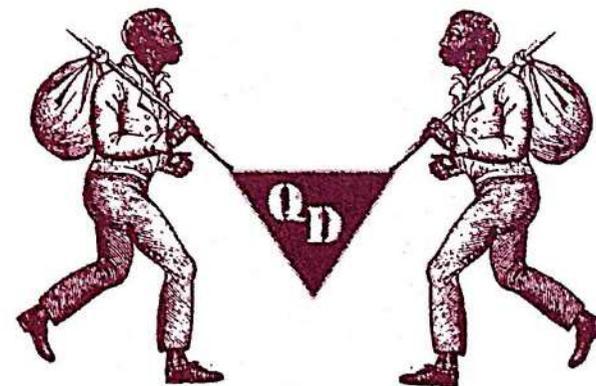
- 1) lutar contra o racismo dentro da comunidade homossexual brasileira;
- 2) lutar contra a homofobia dentro da comunidade negra local e nacional;
- 3) resgatar a história e biografia das lésbicas e gays afro-americanos;
- 4) divulgar informações sobre a diversidade sexual e homossexualidade na África e na Diáspora negra;
- 5) estabelecer contacto com grupos gays e lésbicos da África e afro-americanos;
- 6) trabalhar na prevenção da Aids e demais DST dentro da comunidade negra.

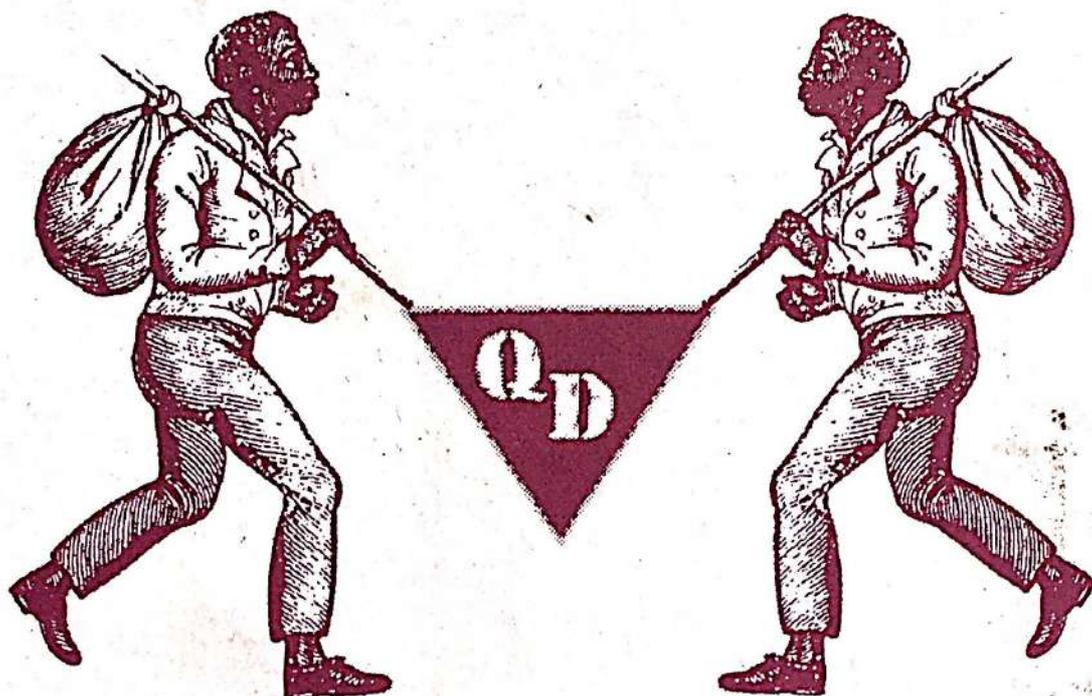


FUNCIONAMENTO & ATIVIDADES:

O Quimbanda-Dudu é um sub-grupo independente do Grupo Gay da Bahia, beneficiando-se da mesma sede e patrimônio do GGB. As pessoas interessadas em filiar-se ao Quimbanda-Dudu devem preencher uma ficha de inscrição e participar das programações da entidade. Aceitam-se sócios correspondentes de outras cidades e países.

Os dois fundadores do grupo, Marcelo Cerqueira e Ozéas Santana fazem parte atualmente da Coordenação do QD, que inclui também Ricardo Silva e Otávio Reis, diretoria recém-eleita pelo período de três anos. Líderes da comunidade negra, intelectuais, artistas e políticos negros são convidados a proferir palestras em nossa sede sobre temas raciais. Como entidade política defensora dos direitos humanos, o Quimbanda-Dudu produz boletins e material informativo sobre racismo e homofobia, denunciando através da mídia as violações de tais direitos de cidadania. O grupo marcou o momento de sua fundação com um protesto contra as declarações e atitudes homofóbicas do Presidente do Zimbábue e protestou junto à Embaixada da Nigéria pela execução de oito defensores locais dos direitos humanos. Além de boletins como este, o Quimbanda-Dudu tem produzido folhetos e cartazes sobre direitos humanos e prevenção da Aids para "o povo do axé" e comunidade afro-descendente. Desde 1996 promove juntamente com o Centro Baiano Anti-Aids, cursos de capacitação em prevenção de DST/Aids para chefes de terreiros de Candomblé, tendo assinado mais de 70 convênios com essas entidades, que se reúnem toda 1ª quarta feira do mês em nossa sede no Pelourinho. Cartazes e folhetos disponíveis na nossa sede ou mediante pedidos à nossa caixa postal.





Este *Boletim do Quimbanda-Dudu* n.4 tornou-se possível graças ao apoio financeiro da *Kimeta Society* de Toronto, (Bolsa de US\$1.100), a quem renovamos nossa gratidão. As notícias internacionais foram pesquisadas no site de *Rex Wockner* por *Marta Donayre* (Love Sees No Borders/Nova York) e traduzidas por *Alejandra Sarda* (IGLHRC/AL, Buenos Aires) e *Rômulo Tartaruga* (Salvador). Arte Final: H.Hollanda. *Luiz Mott* produziu e editou este boletim. A todos que contribuíram para a realização deste sonho intercontinental e pluri-racial de irmandade e solidariedade homossexual, a gratidão dos gays, lésbicas e transgêneros afro-descendentes. O Arco-Iris é nossa utopia!

QUIMBANDA-DUDU

RUA FREI VICENTE, 24 – Pelourinho

Cx.Postal 2552 – 40022-260, Salvador, Bahia, Brasil

